

O Teatro e a Educação do Sensível nas Séries Finais do Ensino Fundamental¹

Rosana Augustin da Silva²

RESUMO: Este artigo trata do ensino de Artes, mais especificamente de teatro nas séries finais do ensino fundamental. Aborda alguns aspectos das relações humanas na contemporaneidade, relacionados à falta de tempo e de espaço para os sentidos e as relações sociais, justificando assim a importância das aulas de Artes no âmbito escolar, para que se possa dar espaço a uma escuta sensível e a formas de expressão diferentes das habituais. Além da abordagem teórica, este artigo conta com uma pesquisa desenvolvida nas escolas municipais de ensino fundamental de Charqueadas, no estado do Rio Grande do Sul, sobre as práticas desenvolvidas e a organização das aulas de teatro.

Palavras-chave: Teatro. Educação. Sociedade atual. Experiências. Sentidos.

ABSTRACT: This article is about teaching the arts, specifically theater in the final grades of elementary school. Discusses some aspects of human relations in contemporary, related to lack of time and space for the senses and social relations, thus justifying the importance of arts classes in the school, so you can make room for a sensitive listening and ways to different from the usual expression. Besides the theoretical approach this article has developed a survey in schools of elementary education at Charqueadas in the state of Rio Grande do Sul, on the organization of practices developed and drama classes.

Keywords: Theatre. Education. Current society. Experiences. Senses.

¹Artigo orientado pelo professor Luiz Roberto Lima Barbosa, apresentado para conclusão do Curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (Instituto Federal Sul-rio-grandense - *Campus* Charqueadas).

²Especialista em Educação e Contemporaneidade (IFSUL – *Campus* Charqueadas).

1 INTRODUÇÃO

Entre todos os livros necessários e urgentes, abro e começo a folhar o único deles que não precisava ler. Meio livro, meio caderno, meio texto, meio relatório, capa azul, folhas amareladas. Grata surpresa. Escritos de 1990, relatos de um trabalho desenvolvido na cidade de Pelotas. Faço um chá, para suportar o frio do inverno. Começo a degustá-los. Os textos falam de teatro, arte, velhice, solidão, morte, vida, grupo, resgate... Uma proposta de oficinas de teatro. Jogos teatrais provocando experiências, a busca pelo sensível, a descoberta do corpo e do espaço, do imaginário e do real. Palavras como: vivência, concentração, movimento, ação, espaço, imaginário e fisicalização brotam das folhas gastas pelo tempo. Tudo atual, contemporâneo. Como eu gostaria de ouvir essas palavras ecoando nos corredores das escolas. Como eu gostaria!¹

Tenho me questionado sobre o que está acontecendo com a nossa capacidade de sentir, de perceber e de se envolver pelo que nos passa, nos acontece todos os dias. Recentemente, uma experiência me afetou e me trouxe um pavor com relação à qualidade humana de ser sensível.

Estava, no mês de agosto de 2011, em um coletivo indo da Rua Carlos Gomes, em Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul, para o bairro Centro, na mesma cidade. O ônibus não estava lotado, em média uma pessoa a cada dois assentos, não havia um trânsito intenso e chovia. Após algumas paradas, entrou no ônibus um homem, bem vestido, de meia idade, portando dois instrumentos musicais. Um era uma espécie de gaita de boca, feita de vários bambus pequenos, ia de ombro a ombro dele, o outro lembrava um pequeno violão, que tinha como base uma espécie de porongo grande. Eram instrumentos muito bonitos e diferentes com uma sonoridade encantadora. O homem falava em língua espanhola, se apresentou e começou a tocar. Fiz o que me pareceu natural, passei a assistir àquele show particular. Aos poucos me dei conta que só eu estava prestando atenção. Um rapaz logo a frente com rádio-fone, dormiu. Uma moça falava ao telefone celular, nem percebeu. Outra moça que estava próxima, ao me observar, se entusiasmou um pouco e, mesmo timidamente, começou a se envolver pela música. Um senhor, alguns assentos atrás, parecia estar ouvindo. Para todas as outras pessoas que estavam no coletivo, o rapaz parecia invisível. Ele tocou uma música, bateu palmas e agradeceu pelas minhas palmas e as da moça tímida e começou a tocar mais uma melodia. Reconheci a música pelo seu refrão que diz: “É por você que canto...”, acredito que não foi uma escolha aleatória. Quando ele terminou me agradeceu pela atenção, falou algumas palavras em espanhol e ofereceu gravações em *compact disc* (CD) do seu grupo. Duas pessoas que estavam próximas ao motorista e bem distantes do músico, mesmo não tendo se permitido viver aquele momento intensamente, alcançaram algumas moedas. Eu comprei um CD, com o título Romance. Queria guardar aquele momento, afinal, quando aquele homem entrou no coletivo, e começou a tocar, senti como uma benção, como se tivesse recebido um presente, uma comemoração.

Para as pessoas que estavam comigo naquele instante, talvez aquele acontecimento musical, não tivesse tanto significado, mas será que não havia nenhum? Será que por um momento aquela sonoridade não poderia existir, não poderia ser ouvida pelas pessoas? Como não perceber aquele homem falando espanhol, portando aqueles instrumentos musicais inusitados e tocando com tanta habilidade? E, se perceberam, porque seus corpos não reagiram?

A escritora Martha Medeiros, na sua coluna semanal no jornal Zero Hora, escreveu uma crônica no dia 18 de setembro de 2011, com o título: “A farra dos sentidos”. Um texto que comunga com as idéias presentes neste artigo. Entre tantas frases interessantes, destaco a seguinte:

“É preciso despertar, diariamente, aqueles outros sentidos aparentemente desnecessários. Há quem não referencie as cores, as flores, estampas, misturas, audácias.[...] A vida nua e crua precisa de uns respingos de laranja, vermelho e verde para provocar estímulo, senão caímos em sono profundo, e sono profundo é a morte.” (MEDEIROS, 2011, p. 26)

Nossa sociedade está ficando sonolenta para alguns aspectos da vida, como as pequenas imagens e vestígios do dia-a-dia, ao passo que, para tarefas ligadas ao consumo ou a ações mecânicas de produtividade, estamos mais acelerados do que nunca. Sempre atarefados, trabalhamos muitas horas por dia, nas quais focamos nosso olhar e atenção nos objetos que manipulamos, sem percebê-los, nem explorá-los. Mecanicamente e com muita rapidez, percorremos nossos trajetos: casa/trabalho/escola/lojas/supermercados... Em casa, já exaustos, após jornadas massacrantes, não vemos, nem falamos nada além do necessário. Raramente nos reunimos para momentos em família, para encontros e almoços festivos, até porque, nossas casas já não comportam mais tantas pessoas. Passamos a maior parte do tempo desenvolvendo ações necessárias e mecânicas, o que me parece, nos aproximar mais das máquinas que manipulamos e nos afastar do que existe de humano em nós. Nossos corpos vivem a dicotomia de estarem abandonados em frente a computadores, sentados a maior parte do tempo, sem exercícios físicos de qualquer natureza ou a disposição de cirurgias plásticas sendo remodelados a cada início de verão.

João Francisco Duarte Jr. em seu livro: *A montanha e o videogame – escritos sobre educação*, faz uma bela reflexão sobre as relações contemporâneas, classifica esse momento como a “*crise da modernidade*” e diz:

“O fato é que o mundo moderno (historicamente estabelecido a partir do século XV) primou pela valorização do conhecimento intelectual, abstrato e científico, em detrimento do saber sensível, estésico, particular e individualizado. Sem dúvida, a razão pura (ou científica) trouxe-nos surpreendente progresso e conquistas em prol da espécie humana; contudo, seu exclusivismo, sua adoção como a única razão possível e a sua deterioração em razão instrumental (aquela preocupada apenas com os fins práticos, sem considerações éticas, estéticas e morais) causaram-nos, entre outros problemas, essa acentuada regressão da sensibilidade, que recrudescer em todas as culturas.” (DUARTE JR., 2010, p.25-26)

Encontramos facilmente nos consultórios médicos e psicológicos os resultados das nossas escolhas. Basta iniciarmos este assunto em nosso ambiente de trabalho, por exemplo, para vermos que vários de nossos colegas tomam remédios para ficarem “felizes”, ou vão a analistas, ou ambos. Sentimos falta de afeto, falta de conversar, falta de rirmos com o outro e não somente ao ler mensagens vindas pela *internet*, falta de não fazer nada, falta de compartilhar, no sentido mais amplo desta palavra. Afinal, o que estamos fazendo com os nossos sentidos? Por que não escutamos mais os sons que nos cercam, não vemos atentamente o que passa por nós, não sentimos os cheiros e as texturas que nos rodeiam?

Essas inquietações chegaram quando tateava em busca de uma abordagem que justificasse, da maneira mais incrível, a importância do ensino da arte em todas as suas expressões. O professor-artista sabe o quão importante é o seu trabalho e as maravilhas que a arte proporciona a quem se deixa encantar por ela, mas precisa sempre lutar pela sua existência, importância e permanência no espaço escolar. Nesta busca atenta a tudo, encontrei o que neste momento penso ser fundamental no ensino da arte: a educação do sensível, a redescoberta dos sentidos, da percepção e a possibilidade de aprender através da vivência, da troca e da experiência.

É claro, que não desconsidero a importância das abordagens que alicerçam o ensino da arte:

“A partir da soma dos estudos de vários teóricos do ensino da arte, podemos estruturar três campos conceituais que são fundamentais para o ensino da arte: Criação / produção, percepção / análise e conhecimento e contextualização conceitual-histórico-cultural da produção artístico-estética da humanidade.” (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 46)

Entretanto, como criar, perceber e contextualizar sem ter experiências sensíveis, sem se permitir ouvir, tocar, cheirar e olhar com atenção e generosidade o mundo e, conseqüentemente, as obras de arte? Não há como. O conhecimento perpassa os sentidos e a arte anda de mãos dadas com o sensível.

Em busca desse saber sensível, calcado na experiência, o ensino de teatro encontra um terreno fértil. Diversos pesquisadores e estudiosos da educação e das relações sociais e humanas abordam a importância do ensino de teatro na formação básica do educando. A legislação brasileira também contempla, mesmo que com algumas lacunas, o ensino das Artes: teatro, dança, Artes visuais e música, todas em igualdade de importância.

E na prática, como se estruturam as aulas de teatro nas escolas de ensino fundamental? Buscando o encontro com uma realidade, visitei e entrevistei o coordenador de Artes da Secretaria Municipal de Educação, equipes diretivas e professores das escolas de ensino fundamental da rede municipal de ensino de Charqueadas². A partir deste panorama, podemos refletir sobre a importância do ensino do teatro, a metodologia de trabalho desenvolvida pelos professores e as ações efetivas em uma rede municipal de ensino.

2 A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM EM ARTE

Refletindo sobre a relação entre o que vivemos ou o que experienciamos e o que aprendemos, deparo-me com a importância da experiência no processo de aprendizagem. Aprendemos a desenhar símbolos que passam a significar letras e palavras, na medida em que começamos a manipular objetos, como pedras, gravetos, lápis e canetas. Sem essa ação, sem essa experimentação, não desenvolveríamos essa habilidade manual. Jorge Larrosa Bondía em seu artigo intitulado “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” nos diz que: “a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência

é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” (BONDÍA, 2002, p. 25) E ainda,

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”. (*Ibidem*, p. 19)

Quando ocorrem estes momentos de escuta na escola? Quando paramos para olhar, sentir, perceber, observar, vivenciar? Em que momento refletimos sobre a existência do outro, sobre o espaço no qual estamos tecendo relações? Acredito que, um dos locais no espaço escolar no qual algumas experiências significativas podem acontecer, é durante as aulas de Artes. Este é o ambiente no qual nos comunicamos não somente de maneira verbal, mas de todas as formas possíveis, no qual trabalhamos em grupo, propomos percursos de criação, inventamos novas realidades, descobrimos o outro e nos relacionamos. Além destes processos individuais e coletivos, descobrimos as diversas culturas, as obras de arte e os artistas que registraram seus trabalhos na história da humanidade e passamos a respeitar essas pessoas que se dedicam ao sensível, que expõem suas idéias e angústias em versos, em movimentos, em desenhos, em sons.

O foco deste saber sensível está na compreensão estética, relacionada à arte e às sensações, aos sentidos. As autoras Maria Fusari e Maria Heloísa Ferraz, nos falam que: “o estético em arte diz respeito, dentre outros aspectos, à compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico, inserido em um determinado tempo-espaço sociocultural” (FUSARI e FERRAZ, 1992, p. 52). Já o autor João Francisco Duarte Jr. relaciona a palavra estética a sua origem grega que nos traz a idéia de: “apreensão humana da harmonia e da beleza das coisas do mundo, que os nossos órgãos dos sentidos permitem.” (DUARTE JR., 2010, p. 25). Para a compreensão estética de um fazer artístico é importante, além de estarmos com nossos sentidos atentos e disponíveis, termos o conhecimento sobre as técnicas aplicadas, sejam elas relacionadas à pintura, a escultura, a coreografia, a montagem cênica, a partitura... Enfim, é fundamental conhecermos, tanto para a apreciação e análise, quanto para a produção de uma obra de arte, as linguagens específicas que a envolvem. Este conhecimento deve vir não somente de referenciais teóricos, mas da experimentação e apreciação de obras de arte. Ir a exposições, apresentações musicais, de dança e peças teatrais, se relacionar com as linguagens, senti-las. Precisamos apreender arte com o nosso corpo por meio dos sentidos e também da experimentação.

Infelizmente, ainda existe um grande analfabetismo estético relacionado à arte em nossa sociedade. Um exemplo disto é a resistência na apreciação de obras Pós-modernas. Um espetáculo cênico sem uma narrativa linear, sem texto falado, uma instalação, uma performance, não raro é recusado pelo grande público, que diz não gostar, ao passo que, muitas vezes, não compreendem essas

propostas artísticas e não se permitem simplesmente vivenciá-las. Tendo como elemento formador a racionalidade e a segmentação do conhecimento, muitas pessoas buscam uma explicação lógica para o que vêem e se não há, rejeitam.

É possível que aquelas pessoas que estavam no ônibus, não tenham passado por experiências sensíveis em seus processos formativos durante o período educacional. Digo isso, porque acredito que nenhuma daquelas pessoas fosse, consideravelmente, mais jovem que eu e, infelizmente, não tenho nenhuma recordação de momentos significativos durante as aulas de Artes nos ensinos Fundamental e Médio. Ao ler o livro *Arte na Educação Escolar*, editado no ano de 1992, pelas pesquisadoras Maria Fusari e Maria Heloísa Ferraz, vejo que não foi uma experiência subjetiva e singular: “apesar de todos os esforços para o desenvolvimento de um saber artístico na escola – historicamente produzida e em produção pela humanidade – ainda não tem sido suficientemente ensinada e aprendida pela maioria das crianças e adolescentes brasileiros”. (FUSARI e FERRAZ, 1992, p. 17).

O que é trabalhado nas aulas de Artes e por quê? Pergunta difícil esta e que envolve muitas camadas de possíveis respostas, principalmente na etapa dos porquês. Passa pelo professor, que também precisa estar alfabetizado na linguagem artística, pelos horários que são disponibilizados para as aulas, pelos locais e materiais acessíveis, pela vontade do aluno de participar, pelos projetos político-pedagógicos das escolas, pelas equipes diretivas, que muitas vezes, por desconhecerem efetivamente o ensino da arte, limitam e pressionam os professores, enfim, muitas podem ser as interferências neste processo.

No decorrer dos próximos capítulos desta pesquisa, tentarei abordar algumas destas relações que envolvem o ensino da arte, tendo como base as orientações educacionais para a área, estudiosos do assunto e a prática desenvolvida nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental de Charqueadas, no estado do Rio Grande do Sul.

3 A ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL

O filósofo inglês Herbert Read publicou em 1943 o livro “Educação pela arte”. Suas idéias ressoaram em diversos locais, inclusive no Brasil. “A base desse pensamento é ver a arte não apenas como uma das metas da educação, mas sim como o seu próprio processo, que é considerado também criador.” (FUSARI e FERRAZ, 1992, p. 15) Sua proposta tinha como *objetivo central o desenvolvimento da capacidade humana de perceber esteticamente o mundo*. (DUARTE JR., 2010, p. 90)

A partir da influência de pensadores como Read e estudiosos do campo da arte, em 1971, por meio da Lei 5692, artigo 7º, são inseridas oficialmente no currículo escolar brasileiro, para alunos dos primeiro e segundo graus³, aulas de Educação Artística. Com características humanistas, valorizando o processo expressivo e criativo dos alunos, o faz inserindo-a em um currículo que propunha principalmente a valorização do tecnicismo e da profissionalização (FUSARI e FERRAZ, 1992, p. 15-16). Essa dualidade, aliada ao fato de não existirem profissionais com a formação polivalente, pois era proposto o ensino de todas as expressões artísticas durante as aulas, criaram uma realidade com múltiplos resultados. Buscando resolver em um curto prazo os problemas de formação dos professores, começaram a ser implantados em todo o país:

“Cursos de Licenciatura Curta, com duração de dois anos e conteúdos polivalentes e concomitantes: Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança (como se fosse possível), em uma visão redutora e adversa a algumas experiências significativas no Brasil, e aos pressupostos da *Educação através da Arte*.” (BARBOSA, 2007, p. 40)

Essa foi uma solução que gerou muitos problemas. Os professores sentiam as dificuldades oriundas de cursos tão rápidos e passaram a discutir coletivamente os assuntos referentes à Arte-educação, buscando mantê-la presente no âmbito escolar, porém com melhores condições de trabalho e defendendo cursos de formação mais longos e específicos. Esses debates possibilitaram a criação de associações de Arte-Educação e em 1987 e a fundação da Fundação de Arte Educadores do Brasil (FAEB) (*Ibidem*, 2007, p. 41).

O trabalho destes profissionais, juntamente com as novas propostas pedagógicas para a Educação no Brasil, não mais arraigadas na formação de mão de obra operária, culminou com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 20 de dezembro de 1996 (Lei nº 9.394). A nova LDB no seu artigo 26, parágrafo 2º, definiu o ensino de Arte como componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, buscando promover o desenvolvimento cultural dos alunos. O artigo 9ª da LDB diz que ficará a cargo da União, juntamente com os estados e os municípios, “competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum”. (BRASIL, 2010)

Buscando atender o exposto acima, o Ministério da Educação elabora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Com relação ao conteúdo de Arte para o ensino fundamental é publicado o livro *Arte – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental* (BRASIL, 1998). Neste instrumento norteador, encontramos uma abordagem clara e consistente sobre a importância do ensino da arte, e ainda, que é composto por quatro linguagens artísticas independentes e com conteúdos específicos: artes visuais, música, dança e teatro. Compreende a arte como conhecimento e não como um adorno ou uma atividade desenvolvida a serviço de alguma outra disciplina do currículo. O conhecimento artístico perpassa a produção, a fruição, a percepção, a imaginação criadora, a articulação dos sentidos, o pluriculturalismo, o entendimento da arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, entre outros.

As quatro linguagens: artes visuais, música, dança e teatro possuem suas singularidades, mas comungam, entre outros, com a proposta de que os alunos ao longo do ensino fundamental, sejam capazes de:

“Observar as relações entre a arte e a realidade, refletindo, investigando, indagando, com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, a sensibilidade, argumentando e apreciando arte de modo sensível [...] identificar, relacionar e compreender as diferentes funções da arte, do trabalho e da produção dos artistas.” (BRASIL, 1998, p.48).

Quanto à organização curricular os PCNs não chegam a instituir as linguagens artísticas de forma independente, mas propõe uma organização com no mínimo duas aulas semanais destinadas a Artes e, que cada aluno, possa ter

contato com todas as linguagens artísticas: “é importante que o aluno, ao longo da escolaridade, possa se desenvolver e aprofundar conhecimento em cada modalidade artística” (*Ibidem*, 1998, p.47). Essa organização cabe a escola, juntamente com os alunos e corpo docente, buscando a alternância entre as artes visuais, o teatro, a dança e a música. Paralelamente, podem ocorrer projetos interdisciplinares e atividades como: visitar exposições e assistir a espetáculos e apresentações.

Além dos PCNs a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, através do Parecer nº CEB 04/98, define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, sendo a primeira:

“As Escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas: a) os Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum; b) os Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do exercício da Criticidade e do respeito à Ordem Democrática; c) os Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, e da diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.” (ASSIS, 1998, p. 4)

Em três itens é que deverão, conforme recomenda o Conselho Nacional de Educação, serem norteadores das ações pedagógicas nas escolas de Ensino Fundamental, um deles é dedicado aos princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade cultural. Enfim, ocupamos um lugar merecido na educação escolar brasileira.

Recentemente foi aprovada a Lei nº 11.769, em 18 de agosto de 2008, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de música na Educação Básica. A referida Norma institui o parágrafo 6º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), com o seguinte conteúdo: a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo no ensino de arte. Uma vitória para esta área do conhecimento, que deve servir de estímulo as demais manifestações artísticas. Ao mesmo tempo em que esta lei traz um avanço para o ensino desta linguagem, não estabelece um horário específico para o seu desenvolvimento, ficando também a cargo dos períodos de Artes, que já são restritos, e ainda, não estabelece a obrigatoriedade de um profissional formado em música para ministrar estas aulas.

3.1 AULAS DE TEATRO: A POSSIBILIDADE DE COMPARTILHAR UM SABER SENSÍVEL E COMPLEXO, DE DAR VOZ AO CORPO.

Peter Slade, em 1954, publicou o livro intitulado *Child Drama*, cujo primeiro parágrafo diz: “o *Jogo Dramático Infantil*⁴ é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos.” (SLADE, 1978, p. 17)

Richard Courtney ao abordar o trabalho desenvolvido por Slade, citado acima, nos diz que:

“Sua tese era de que havia uma forma de arte, “jogo dramático infantil”, no mesmo sentido que existe uma “arte infantil” em seu direito próprio, e que poderia ter seu lugar no currículo juntamente com música, arte, literatura e outros. Aqui, então, reivindica-se não que a atividade dramática fosse usada como um método para o ensino de outras matérias, mas como uma “disciplina” independente, com seu próprio lugar no horário escolar.” (COURTNEY, 2003, p. 46)

O livro *Jogo, Teatro & Pensamento*, do qual foi extraído o texto acima, é uma tradução para a língua portuguesa da terceira edição revisada de 1974. Nesta obra Courtney faz um estudo aprofundado sobre jogo, teatro e suas inserções na educação, sempre alicerçado em vários pensadores. Inicialmente escrito para estudantes da Grã-Bretanha, recebeu diversas traduções e é utilizado em vários países por Academias e por pesquisadores sobre o Teatro na Educação e, ainda hoje, permanece atual (*Ibidem*, pp. XII – XIII).

Desde os estudos desenvolvidos por Slade e Courtney, muito já se avançou com relação ao ensino de teatro durante o período de escolarização. Os PCNs com relação à importância do ensino de teatro, entre outros argumentos, destacam que:

“O teatro favorece aos jovens e adultos possibilidades de compartilhar descobertas, idéias, sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vista, estabelecendo a relação do indivíduo com o coletivo e desenvolvendo a socialização. A experiência do teatro na escola amplia a capacidade de dialogar, a negociação, a tolerância, a convivência com a ambigüidade. No processo de construção dessa linguagem, o jovem estabelece com os seus pares uma relação de trabalho combinando sua imaginação criadora com a prática e a consciência na observação de regras.” (BRASIL, 1998, p. 88)

E ainda, organizam os conteúdos a serem trabalhados nas aulas de teatro em três grandes grupos: teatro como comunicação e produção coletiva, teatro como apreciação e teatro como produto histórico-cultural. (*Ibidem*, pp. 91-93)

O Teatro é uma linguagem que possui características singulares e importantes ao processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança e do jovem e precisa ser entendido como um conhecimento complexo que possui especificidades e conteúdos próprios. Viola Spolin, em seu livro *Improvisação para o Teatro*, nos diz que:

“Todas as pessoas são capazes de improvisar. Todas as pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco.[...] É no aumento da capacidade individual para experienciar que a infinita potencialidade de uma personalidade pode ser evocada. Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo.” (SPOLIN, 2010, p. 3)

Durante as aulas de teatro, trabalha-se com processos de percepção: dos espaços, dos corpos, do comportamento e sentimentos humanos. Utilizando os sentidos, buscamos identificar formas e movimentos corporais, escutar diálogos, sons, sentirmos os cheiros que remetem a lugares ou pessoas, manipularmos objetos, enfim, buscamos uma experiência corporal a partir de diversos estímulos. A partir deste processo de experimentação e apropriação corporal,

podemos fazer os mais diversos usos destes materiais, inclusive utilizá-los como base para a criação de cenas ou para dar vida a personagens.

O processo de trabalho envolve diversos exercícios e jogos, através dos quais buscamos o desenvolvimento de habilidades necessárias as ações no palco, conhecimentos estes, específicos do fazer teatral. O jogo, seja ele lúdico seja ele de regras, é uma ferramenta importantíssima para o trabalho do professor de teatro no ensino regular. Quando jogamos estamos em grupo, nos socializamos, aceitamos as regras necessárias, nos divertimos aprendendo, estimulamos nossa imaginação criativa, descobrimos nossos limites e, então, podemos ultrapassá-los. Richard Courtney, ao citar o livro *Homo Ludens* de Johan Huizinga, faz uma defesa do aspecto genético do jogo e considera que:

“A civilização moderna separou o jogo da vida. Não mais faz parte das atividades culturais de cada homem mas, ao contrário, está relegado a mero esportes e ocupações similares, que estão isoladas da elaboração do processo da vida. Geneticamente, o jogo é uma parte integral da vida e isolá-lo, como o fez o homem moderno, é destruir o espírito verdadeiro, natural e seu derradeiro valor para o homem e a sociedade.” (COURTNEY, 2003, p. 37)

Nossa tarefa é contar histórias. Com ou sem texto verbal, linear ou não. Não importa como terminará o processo de criação, mas durante este processo desenvolveremos a habilidade de criar narrativas, de buscar caminhos para que a cena se desenvolva. É fundamental que os alunos assistam a outros trabalhos cênicos. Aprendemos, nos divertimos, nos emocionamos quando assistimos a espetáculos teatrais. Começamos a identificar semelhanças e diferenças entre as montagens, ampliamos nossas possibilidades de criação e nosso conhecimento sobre teatro e sobre a vida. É importante simplesmente sentir, deixar-se levar pela história, pelas imagens, pelos sons...

Por fim, quando abordamos a história do teatro estamos também falando da história da humanidade. “O teatro é a mais velha de todas as Artes – a representação, como movimento dançado, personificando um espírito, um animal ou um homem”. (COURTNEY, 2003, p. 162). Seus primeiros indícios estão nos rituais mágicos, nas dramatizações de caça, nos quais “o atuante meio dançava, meio representava, na mimeuse (simples imitação da ação real), e cobria-se com máscaras e peles” (*Ibidem*, 2003, p. 162-163). O teatro, no passar dos tempos, já viveu momentos de glória, como nos festivais da Antiga Grécia, ou de proibição como na Idade Média, mas sempre esteve ligado ao seu tempo, falando dos problemas e sentimentos humanos de sua época.

4 ACORDA, ALICE!⁵ O ENCONTRO COM UMA REALIDADE

Após diversas leituras e reflexões sobre os sentidos, a sociedade, o ensino da arte e do teatro, buscando encontrar as conexões necessárias para embasar o trabalho do professor de teatro no ensino regular. Feliz, por ter dialogado com autores sensíveis, por ter encontrado algumas respostas a perguntas que durante a graduação em Teatro ficaram em aberto, mais curiosa do que nunca,

como a Alice em seu País das Maravilhas, saio para desenvolver a pesquisa de campo: visitar e entrevistar equipes diretivas e professores da Secretaria Municipal de Educação e das Escolas Municipais de Ensino Fundamental da área urbana de Charqueadas. A primeira expressão que me ocorreu foi esta: *acorda Alice! Acorda, porque a realidade que te cerca está muito distante de qualquer discussão teórica, ainda encontra-se calcada em um empirismo e permanece viva graças ao amor de alguns professores.*

Meu primeiro contato foi com o Coordenador de Artes da Secretaria Municipal de Educação - SMED, que me recebeu gentilmente e conversamos durante 40 minutos. Sem qualquer restrição, respondeu a todas as minhas perguntas. Atualmente, a Secretaria Municipal de Educação não tem uma proposta pedagógica para a área de teatro. Como relatou o coordenador da área, cada escola se organiza de acordo com seu interesse, viabilizando a contratação do profissional que ministrará as aulas de teatro e definindo quem será este profissional, não há nenhum professor de teatro concursado para este cargo na rede municipal, não há reuniões de formação com os professores responsáveis pelas aulas de teatro nas escolas, só ocorrendo reuniões para a organização e divulgação do Festival Estudantil de Teatro - Estudarte. É isso mesmo, o município possui a mais de 10 anos, um festival estudantil de teatro. Acredito que esta referência é significativa e, por isso, dedico o próximo parágrafo ao Festival Estudantil de Teatro de Charqueadas.

O atualmente chamado de Estudarte, já teve outros nomes e configurações. O festival é aberto a todas as escolas do município, sejam elas municipais, estaduais ou particulares, e em todos os níveis, desde a educação infantil até os cursos técnicos profissionalizantes. Conta com apresentações de Peças Teatrais de grupos de teatro amador e profissional e oficinas para os alunos, que neste ano, foram ministradas pelo Coordenador de Artes da SMED. Na edição de 2010 foram 42 apresentações das escolas, conforme dados fornecidos pela Secretaria de Educação. Neste ano, como em anos anteriores, o Estudarte aconteceu no mês de outubro, de maneira conjunta com a Feira do Livro e contou, de acordo com o material de divulgação entregue durante o evento, com 19 apresentações feitas pelas escolas, incluindo escolas de educação infantil e apresentações de dança. Ainda considero como um número significativo de apresentações, frente à realidade de cada escola ser responsável pela organização e aquisição de materiais para cenários e figurinos, além de horários para ensaios, muitas vezes em turnos opostos, e a dedicação de professores que se disponibilizam para organizar as montagens.

Retomando a entrevista realizada com o Coordenador de Artes da Secretaria Municipal de Educação, destaco que, sua formação é Tecnólogo em Interpretação Teatral - Habilitação em Direção e, além de trabalhar na Secretaria Municipal de Educação, ainda é professor de teatro em duas escolas municipais de ensino fundamental. Entende do fazer teatral, do trabalho do ator e, como ele mesmo disse, aplica em suas aulas os ensinamentos que teve, chegando a desenvolver exercícios com grande rigor técnico. Como seu trabalho aproxima-se mais da formação de atores e as aulas acontecem de maneira independente na escola, acredito que seria mais coerente pensar os dois grupos com os quais ele trabalha como propostas de grupos de teatro amador sediados nas escolas.

Após este contato com a Secretaria de Educação, parti para as visitas às escolas. O município conta com oito escolas municipais de ensino fundamental

no perímetro urbano. Conversei primeiramente com um membro da equipe diretiva de cada escola. Nas escolas que declararam possuir aulas de teatro, também entrevistei os professores. Das oito escolas, cinco disseram possuir aulas de teatro. As aulas acontecem em turno oposto e as turmas são compostas com alunos de idades variadas, que demonstram interesse em participar. Os professores: um tecnólogo em interpretação teatral, uma professora de inglês e dois professores de séries iniciais, todos apaixonados pelo fazer teatral.

Perguntei aos quatro professores se conheciam e aplicavam as orientações contidas nos PCNs para a área de teatro. Um disse conhecer, porém não aplica em suas aulas as proposições contidas neste material. Os demais professores não conhecem o conteúdo deste material. Não defendo que as orientações ali contidas sejam verdades absolutas, porém, penso ser importante que conheçamos as publicações relacionadas à área, principalmente as que se propõe como norteadoras. Além disso, elas tratam da proposta pedagógica de Artes, do teatro na educação. É importante termos em mente que a proposta educacional, principalmente no ensino fundamental, é diferente do teatro amador. O foco do trabalho em sala de aula não é a formação de atores. É claro, que para construir sua obra, seu personagem, o aluno aprendiz precisa entrar em contato com os materiais, técnicas e procedimentos do fazer teatral, entretanto,

“não precisa ter, jamais, o rigor e a profundidade exigidos pelo treino necessário para que alguém se torne um artista. Evidentemente, não se deve tolher o aluno dedicado e ávido por se aprofundar em procedimentos específicos, fornecendo-lhes os meios necessários, mas esse ensino de técnicas deve significar sempre uma complementação e ampliação das experiências de reflexão e autoexpressão, que devem decorrer, necessariamente, da dimensão experiencial com a arte.” (DUARTE JR., 2010, p. 45)

As escolas, que declararam não possuir aulas de teatro, realizam montagens de peças teatrais para apresentarem em datas comemorativas, ou para participarem do Estudarte. Professores e ex-alunos se dispõem a auxiliar os estudantes que têm interesse em montar peças teatrais na escola. Esses encontros acontecem durante o horário das aulas, da disciplina do professor de está orientando o trabalho, ou no turno oposto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Estamos sós e nenhum de nós, sabe exatamente onde vai parar.”
Humberto Gessinger

O que aconteceu com o embasamento legal para o ensino de Artes? Onde está a legitimação da LDB, dos PCNs e dos Pareceres das Comissões de Educação do Legislativo Brasileiro? É necessário um aprofundamento, por parte dos gestores municipais, dos documentos que dão suporte e diretrizes para a Educação no Brasil. E ainda, atividades periódicas de formação continuada aos professores que lecionam teatro nas escolas, bem como, a elaboração de uma proposta político-pedagógica referente à área de teatro, contemplando a organização de uma estrutura mínima comum às escolas.

Em meio a esta realidade complexa, encontra-se o professor, buscando a cada dia fazer uma nova mágica para dar conta do que lhe é solicitado. O que pude constatar pelas falas de muitos dos professores, incluindo as equipes diretivas, é que as aulas de teatro estão a serviço de uma finalidade: montagem de peças teatrais. É necessário que todo o corpo docente das escolas entenda que não somos uma fábrica de peças teatrais, não somos uma linha de montagem. Existem outros processos em sala de aula que precisam ser valorizados para que haja construção de conhecimento nesta área.

O professor é uma peça fundamental no processo de aprendizagem dos alunos. Poderíamos pensar no professor como aquela pessoa que elabora um cardápio e o serve, generosamente, para que os alunos possam experimentar o que quiserem. E o que é necessário para ser esse professor? Maurice Tardif, ao tratar dos saberes docentes, diz que a prática do professor integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações (TARDIF, 2010, p. 36). Esse saber plural é constituído de um saber oriundo da formação profissional e disciplinar (conhecimentos transmitidos pelas instituições de formação de professores), dos saberes curriculares (programas escolares, discursos, objetivos, conteúdos, métodos...) e dos saberes experienciais adquiridos no exercício de sua função, na prática de sua profissão (*Ibidem*, pp. 36 – 38). O que pude observar durante as entrevistas é que há um grande conhecimento em apenas um dos itens que Tardif nos apresenta: os saberes experienciais. Para que este banquete possa ser bem elaborado e servido aos alunos, precisamos buscar um aprofundamento nos diversos saberes que envolvem nossa profissão.

Ao conversar com os professores que lecionam teatro nas escolas municipais de ensino fundamental de Charqueadas, senti pulsar neles o combustível necessário a ação: o amor e a dedicação pelo trabalho docente. Porém, também senti uma necessidade de apoio, de estrutura e de planejamento para o desenvolvimento de suas aulas. Conversando com um destes professores, ficou claro também, a necessidade de um aprofundamento com relação aos conhecimentos específicos da área. Ele relatou que sabia da importância de propor jogos aos alunos, porém não havia tempo e também lhe faltava um conhecimento mais aprofundado. Ele estava ávido por materiais e propostas. Fiquei pensando muito sobre essa entrevista. É importante para o professor de Artes a prática do fazer artístico, o contato com as propostas atuais para a área, porém, a falta de tempo, de espaços e de grupos para o desenvolvimento destas atividades acabam por impossibilitar o desenvolvimento artístico destes profissionais. Uma proposta possível para mobilizá-los, trazer conhecimentos novos e trocas entre eles, poderia acontecer por meio de encontros periódicos, na qual o foco fosse o experimentar-se em teatro. Encontros de formação, organizados pela SMED, dentro da carga horária de trabalho destes profissionais. Enfim, a organização de um grupo com o intuito de aprofundar os conhecimentos teatrais, em que a cada encontro um poderia ficar responsável pela organização dos exercícios e jogos, por exemplo.

Sei que a realidade escolar atualmente não é fácil. A escola precisa lidar com uma série de problemas sociais e que interferem em seu funcionamento, inclusive com alunos que parecem se preocupar mais em complicar e perturbar o ambiente de sala de aula do que com seu processo de aprendizagem. São muitos os desafios diários enfrentados pelos profissionais da educação. Mas ainda há aqueles alunos que estão dispostos a participar, buscar novos conhecimentos, que estão à espera de momentos sensíveis e não podemos deixá-los sós.

Apesar de tudo que já disse sobre a sociedade atual e sobre o abandono dos sentidos, posso garantir que não é fácil desfazer-se das amarras deste tempo, em que não há tempo para nada além do necessário, competitivo, burocrático e solitário mundo capitalista. Mesmo envolvida pelo processo de experimentação e escrita deste trabalho, me apanhei com pressa e angustiada, ao visitar a 8ª Bienal de Artes do Mercosul. Ao perceber o que estava acontecendo, respirei fundo, mesmo um pouco decepcionada, parei e cortei radicalmente minha relação com o tempo, ou com a falta dele, naquela manhã de sábado. Essa é uma luta que temos que travar diariamente, porque as influências da sociedade atual são avassaladoras. Faço um convite: vamos dar tempo ao tempo e aos sentidos, vamos lutar por aulas mais lúdicas e criativas, nas quais a experiência do encontro se faça presente, vamos lutar pelas aulas de teatro nas instituições de ensino.

Notas

1. Texto produzido no início desta pesquisa pela autora do artigo.
2. Município jovem, com 29 anos de emancipação política, localizado na região metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul e que possui atualmente 35.320 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística - IBGE (ano de referência 2007).
3. Nomenclatura utilizada na época para denominar o ensino fundamental e médio.
4. Grifo do autor.
5. Referência a obra: Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll.
6. O Coordenador de Artes informou durante a entrevista que estava previsto concurso público para professor de Artes e que poderiam concorrer às vagas licenciados em teatro, música, dança e artes visuais. Felizmente essa informação já se concretizou. O município formalizou a abertura de concurso público no mês de outubro de 2011.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Regina Alcântara de (Cons. Relator). *Parecer nº: CEB 04/98*, aprovado em 29 jan. 1998. Ministério da Educação e do Desporto: Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Brasília, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2007.
- BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre experiência e o saber de experiência*. In: Revista Brasileira de Educação. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.
- BRASIL. *Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica*: lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Brasília, 2008.
- BRASIL. LDB : *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1971.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COURTNEY, Richard. *Jogo, Teatro & Pensamento*. 2ª Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DUARTE JR., João Francisco. *A montanha e o videogame: escritos sobre educação*. São Paulo: Papirus, 2010.
- FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. *Arte na educação escolar* – São Paulo: Cortez, 1992.
- IBGE. *Cidades Charqueadas* – RS <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=430535>>. Acesso em 04/07/2011, às 21h.
- MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa e GUERRA, M. Terezinha Teles. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- MEDEIROS, Martha. *A farra dos sentidos*. Zero Hora. Porto Alegre, Donna ZH, p.26, 18 set. 2011.
- SLADE, Peter. *O Jogo Dramático Infantil*. São Paulo: Summus, 1978.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 5ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2010.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 11ª ed. – Rio de Janeiro: Vozes, 2010.